

## O SENHOR DE HERBAIS

*Breves ensaios literários sobre a reprodução estética do mundo,  
e suas tentações*

### Capítulo I

#### UM BEIJO DADO MAIS TARDE

Eusébia entrara em contacto comigo, uns tempos antes. Escrevera-me uma longa carta sobre Herbaís. Morava agora na casa onde eu vivera durante anos. Concluindo, a casa era-lhe estranha, havia divisões onde não se sentira bem acabando por as deixar ao abandono. Ouvira falar de mim e soubera a minha direcção.

Praticamente, utilizava apenas a casa, o *corps de logis*, e o espaçoso pátio interior. A porta principal da casa fora restaurada. Servia-se dela para ir directamente para a grande Praça, nome realmente inadequado para o espaço em vista. Mas como sentir-se numa aldeia sem praça? Eis por que o espaço mais amplo, amplo por mero aleatório urbanístico, recebera esse nome. Assim, o imaginário repusera a função em que a realidade fora falha. A granja alta, onde outrora fora guardado o feno, continuava vazia. Entrara, uma vez, e deparara com uma profusão imponente de flores e folhagens. Perguntava-me se eu me tinha dedicado a plantas e arbustos de interior (mentalmente, respondi-lhe que sim), não compreendendo como aquela flora suportava sem gelar as baixas temperaturas inverniais. Ainda entrara, por diversas vezes, nos antigos estábulos. Havia livros e restos de livros

por toda a parte, sobretudo, no último compartimento, justamente aquele em que acabava o longo corredor que ligava o pátio à antiga capoeira de Olo e de suas galinhas. Achava que nessas divisões se passava algo de estranho. Pensei para mim que com elas se passava o exacto contrário da Praça. O imaginário e o real nem sempre se completavam, por vezes, colidiam. Nuns casos, tornavam inabitável o espaço. Noutros, tornavam-no inóspito e temeroso. O tempo não era chamado para o resultado. Uma espécie de vazio equacional, isto o que pensei enquanto metia no envelope as folhas da carta.

Sobre si própria, Eusébia era prudente. Nada dizia.

Não lhe respondi. Passados meses, nova carta. O estranho tornara-se incómodo. Ouvira dizer na aldeia que aquela casa só conhecera um pouco de serenidade durante o tempo em que eu a havia habitado. Manifestava interesse em conhecer-me. Intimamente, perguntei-me por que não a vendia. Seria mais simples passar o ónus do incómodo para o comprador seguinte. Dizia-me que o pátio interior tinha uma grande beleza. Que começara a usar, para entrar e sair, o grande portão que dava para o caminho vertical à praça. Não me admirei. A casa nunca gostara de se abrir directamente sobre a Praça. Os seus anteriores habitantes, senhores de grandes propriedades agrícolas de beterraba e de cereais, sempre haviam desprezado a aldeia. Com os rendimentos da quinta, tinham investido em negócios urbanos. Haviam deparado com dificuldades inesperadas de implantação. Teimosos, haviam preferido alienar aos poucos os terrenos agrícolas, em vez de pôr cobro à instalação na cidade. Os filhos tinham perseverado nessa política. Abandonaram a actividade agrícola e entregaram os terrenos a rendeiros. A própria casa com todas as instalações anexas fora alugada a estranhos. Creio que fui a primeira inquilina.

Quando cheguei à casa, deparei com armários repletos de medicamentos. Nessa altura, não vi o proprietário. A chave fora-me

facultada por uma vizinha. Nunca me esqueci do seu gesto relutante. Quando dei o meu acordo, foi-me fornecido um número de conta bancária onde passaria a depositar, todos os meses, a renda estipulada. Uma renda baixíssima, em troca de uma série de arranjos, a expensas minhas. Aquecimento, restauração das paredes interiores, renovação dos caixilhos, pinturas exteriores, pavimentos circundantes. Em troca, exige um arrendamento registado. A casa parecia não querer ser habitada. Alguns anos mais tarde, conheci finalmente o proprietário. Uma figura digna de Maupassant. Um homem balofo, destroçado, apesar de bem vestido, que vinha acompanhado de uma mulher vistosa, seu derradeiro investimento, pensei, embora não percebesse o género de investimento que via à minha frente. De poupança, certamente não era. Erótico, só com muita bondade. Uma espécie de *junk bond*, pensei. Já estavam na moda. Vim a saber, mais tarde, que ele casara com ela imaginando-a rica. Ela casara com ele, certamente, para lhe sugar os últimos tostões. O salto não era grande. Passara de Maupassant a Balzac. E estávamos nós em finais do século xx. Bateu à porta do pátio. Fui abrir e dei com o personagem. Identificou-se e mandei-o entrar. Preferiu ficar fora, apesar de ameaçar chuva. Viera dizer-me que abrisse falência e que a casa ia ser vendida em hasta pública. E, sem transição, disse-me que gostava imenso de literatura. Para quê desiludi-lo? Disse-lhe que também. Embora, pelos vistos, continuasse a ler a literatura da ascensão e queda dos Buddenbrook. Se muitos leitores da literatura realista dessem realmente atenção à literatura, não precisariam de consultar videntes nem de tomar decisões. O futuro do mundo está lá escrito desde há mais de um século. Compravam os livros e, em troca, poupar-se-iam a maçadas e correrias. Não fora manifestamente o seu caso. Lera nos livros, chegou-me a citar Camus, o desastre alheio, sem cuidar de que era o seu que lera todos os dias. Ao vê-lo tão abatido, desejei-lhe felicidades, embora estas só lhe pudessem vir do *Feiticeiro de Oz*. Saberá ele a canção do filme? Levantou-se um arco-íris. Mas pelo seu

andar cabisbaixo, sem viço para olhar o céu, percebi que a canção não fazia parte do seu repertório.

Eusébia tornou-se *naturalmente* o meu interlocutor realista. Resolvi responder à sua carta. Não estava interessada numa relação à Thomas Mann, nem à Iris Murdoch. Que me dissesse directamente quem era, que fazia ali perdida nesse beco do mundo, em que poderia ser-lhe útil. Em síntese, poupássemos literatura e papel. Acrescentava delicadamente que, ao abandonar a casa, a deixara limpa e arrumada. Apenas não trouxera comigo os arbustos do pátio que, inesperadamente, tinham gelado na noite em que partira de volta a Portugal. Nunca mais lá voltara. Tanto mais que a literatura que cultivo nunca encontra no terreno os indícios de que parte. O intenso não se acomoda com a duração. A psicologia seria interessante, se o mundo nos obedecesse. Dado não ser esse o caso, a existirmos, não somos certamente feitos desse material.

De duas uma, ou o estranho se havia tornado normal, ou Eusébia se acomodara. Durante muito tempo, não tive notícias. Pöe e Lovecraft não pareciam ter prosperado. O que não impedia que o meu espírito fosse, de vez em quando, até Herbais (ler Érbé). Em memória daquela gente, fechada e simpática, é justo que escreva em conformidade com o mundo que fazem no mundo. Primeiro, porque contam histórias. Segundo, porque são histórias perigosas, carregadas de ressentimento e de moral. O ajuste de contas, de origem climática, animal, humana ou divina, é omnipresente. Acreditam que pecam. Acreditam na veracidade dos extractos bancários e das receitas dos veterinários. São duros com os políticos. Só votam, em troca. Têm inimigos. Os preços do mercado que nunca param quietos nos picos mais elevados, com uma tendência incompreensível mais para a baixa do que para a alta, os intermediários que aparecem justamente nas baixas (dir-se-ia que adivinham), os seus próprios animais que ra-

ramente atingem a produtividade dos catálogos, os terrenos que demoram tempos infindos a absorver as chuvas invernais, os vizinhos, claro. Eu era quase uma exceção. Vivia de folhas de papel, tendo um marido que vendia produtos em tudo contrários aos deles. Não chegava a ser um concorrente, quanto muito um *farfelu*. Também podiam dizer que era um *courageux*. A agricultura intensiva, de adubos e hormonas, era praticamente invencível. Ao ouvi-los falar, dir-se-ia que assim fora desde o neolítico, se exceptuarmos a maquinaria que, essa, sim, era recente. Datava do após-guerra, razão, imagino, porque era um motivo permanente de guerra. Custava a pagar, ia-se abaixo precisamente quando mais era precisa, bastava sair dos hangares onde passava quase todo o ano guardada, atolava-se nos campos, nos momentos mais azarados. E as doenças? A peste suína, o míldio e outras que, por realismo, não cito. Gente boa, em suma. Gente do tempo e do mundo, como lhes chamava no meu íntimo. Gerados para a derrota, dotados de um incalculável potencial de ressentimento.

A notícia da falência correu de casa em casa.

Não fora Musil que espalhara a notícia. A celeridade devia-se certamente a inúmeros sócias de Le Carré. Creio que o meu palpite estava certo. A falência, como a espionagem, era inevitável. Apenas restavam por apurar os detalhes da intriga. Quem fora o último a apunhalar? A mulher vistosa, a puta como lhe chamavam, a banca, algum credor impaciente? Todos, menos o tempo. Como nenhum deles lia, limitando-se a escutar vagamente o padre «moderno» da freguesia, não passou pela cabeça de ninguém que a literatura (com a Bíblia à cabeça) fora a última a apunhalar o derradeiro rebento daquela linhagem. Seja como for, morto o homem, havia que tratar do enterro, ou seja, da hasta pública. E começaram a aparecer pregados pelas paredes, cercas de campos, porta da igreja, salas de espera dos notários (só em Jodoigne eram quatro), restaurantes e cafés (uns trinta), enormes cartazes